CEMEL

MEMÓRIAS ELETIVAS 1

O eclético Aldo Telles de Menezes: arquivista, eletricista e barbeiro do TRE paulista

Washington, Zezinho e Alex com o senhor Aldo

Em 22 de janeiro de 2023, os colegas Washington Assis e Zezinho Bauab, do Centro de Memória Eleitoral (Cemel), fizeram uma jornada voluntária e sentimental a Piracicaba, a fim de entrevistar o servidor aposentado Aldo Telles de Menezes para o projeto de história oral do TRE-SP. Apresentado ao Cemel pelos colegas Claudia Baso e Alex Brasil, o senhor Aldo, do alto dos seus 93 anos, tinha muito a dizer e o ato de entrevistá-lo se impunha de maneira impreterível.

O trio (incluindo Joyce, colega aposentada e esposa de Washington) foi acolhido fraternalmente pelos familiares do anfitrião: a esposa Marlene e os filhos Maurício (com a esposa Maria), Valdirene (com o namorado Renato) e Sandra, todos que viriam a compor a pequena plateia da entrevista que duraria quase quatro horas e que contaria também com a participação de Alex (lotado na 270º ZE - Piracicaba), depois acompanhado da esposa Raquel, do filho Gabriel e da futura nora Flávia.

Logo o senhor Aldo mergulhou em suas memórias evocativas do velho TRE paulista. Tendo ingressado nos quadros funcionais da Corte em 1964, aceitou o desafio, no ano seguinte, de trabalhar no arquivo, instalado, naquele tempo, num distante armazém situado na Vila Leopoldina. Da antiga sede do tribunal, na Rua do Seminário, centro de São Paulo, partia diariamente, ao meio-dia, um ônibus exclusivo que levava todos os servidores que trabalhavam naquele galpão, onde também funcionavam o depósito e a oficina que manufaturava as cabines de votação e as estruturas das juntas eleitorais. O mesmo ônibus os trazia de volta no final do dia.

No antigo arquivo, Aldo e mais alguns colegas aventuraram-se em estantes de grande altura para retirar e guardar espessos pacotes de processos e documentos originários tanto Secretaria do tribunal como dos poucos Cartórios existentes, à época, na capital. Como não havia instrumentos de indexação disponíveis, demoravam-se, vez por outra, não poucos dias para desarquivar algum papel. Nos seis anos em que lá permaneceu, o arquivista Aldo acabou desenvolvendo um eficiente método de catalogação.

Momento da entrevista

Em períodos eleitorais, outro talento de Aldo era acionado: o de eletricista, para que não faltasse energia elétrica no Pavilhão Internacional do Parque Ibirapuera, tempos depois demolido, no qual se concentravam as juntas apuradoras da cidade de São Paulo.

Em 1971, mais uma aptidão lhe seria requisitada, dessa feita na então recém-inaugurada sede própria do TRE, na Rua Francisca Miquelina: a de barbeiro, ofício que aprendera com o pai em sua meninice no bairro paulistano da Casa Verde. Barbas e cabelos de diretores e muitos funcionários do tribunal receberam a devida atenção do senhor Aldo até sua aposentadoria, em 1977.

Sob olhares emocionados de todos os presentes, a longa entrevista caminhava para seu final. Indagado sobre a importância da democracia (seu pai, aliás, havia sido injustamente preso pela ditadura Vargas), o senhor Aldo foi enfático: “A gente tem que dar graças a Deus com esta democracia, porque a democracia é o rumo que o mundo tem que seguir. Não pode mais voltar para trás com a ditadura”.

E quando os entrevistadores já recolhiam seus apetrechos tecnológicos a fim de se despedirem e partirem para a Rua do Porto, tradicional ponto de gastronomia de Piracicaba, dona Marlene, com muito bom humor, disse: “Hoje a Rua do Porto é aqui!”. E um maravilhoso almoço foi servido como tocante comemoração em torno da linda existência do senhor Aldo Telles de Menezes. A expressão “família eleitoral”, naquele momento, não poderia ser mais verdadeira.

José D´Amico Bauab